

PROJETOS E ATIVIDADES DE PROMOÇÃO DA LEITURA E DE FORMAÇÃO DE LEITORES

PROJECTS AND ACTIVITIES FOR THE PROMOTION OF READING AND FORMATION OF READERS

Ângela Maria Franco Martins Coelho de Paiva Balça¹

RESUMO: Neste texto pretendemos refletir sobre o papel desempenhado por toda a sociedade na formação de crianças leitoras. Desde a emergência de competências de literacia até à aprendizagem formal da leitura e da escrita, e à consolidação do leitor, há um longo e árduo caminho a percorrer. A responsabilidade desta caminhada não é apenas da escola, como ultimamente a sociedade parecer entender, mas sim de todos os atores sociais, desde as famílias, as bibliotecas, as livrarias, as instituições culturais e toda a comunidade. Nesse sentido, damos conta de um projeto municipal de promoção do livro e da leitura, realizado pelo Município da cidade de Évora, Portugal.

PALAVRAS-CHAVE: Literacia. Leitura. Escola. Projetos.

ABSTRACT: In this text we reflect about the role played by the whole society in the formation of children readers. Since the emergence of literacy skills to the formal learning of reading and writing, and the consolidation of the reader, there is a long, hard road ahead. The school is not the only responsible in this path, as the society lately seems to understand; all social actors, from the family, libraries, bookstores, cultural institutions and the community, play a decisive role. In this sense, we present a municipal project aiming to promote books and reading developed by the Municipality of Évora, Portugal.

KEYWORDS: Literacy. Reading. School. Projects.

¹ Doutora em Educação. Professora Auxiliar da Universidade de Évora, Portugal e do Centro de Investigação em Educação e Psicologia (CIEP) – Universidade de Évora – Portugal. E-mail: apb@uevora.pt

Introdução

Neste texto pretendemos refletir sobre o papel desempenhado por toda a sociedade na formação de crianças leitoras. Desde a emergência de competências de literacia até à aprendizagem formal da leitura e da escrita, e à consolidação do leitor, há um longo e árduo caminho a percorrer. A responsabilidade desta caminhada não é apenas da escola, como ultimamente a sociedade parecer entender, mas sim de todos os atores sociais, desde as famílias, as bibliotecas, as livrarias, as instituições culturais e toda a comunidade.

As sociedades atuais vivem preocupadas, por um lado, com as ainda persistentes taxas de analfabetismo, existentes em muitos países do globo, e, por outro, com os baixos níveis de literacia dos indivíduos, revelados pelos múltiplos estudos nacionais e internacionais, bem como com o novo conceito de leitor associado aos ambientes digitais.

Nesse sentido, vários desafios se colocam às diferentes comunidades. Em primeiro lugar, há a urgência em erradicar o fenómeno do analfabetismo (em Portugal, o Censo de 2001 revelou que 10% da população portuguesa era analfabeta), há a necessidade de elevar os níveis de literacia das populações, e há a premência de travar o já inevitável novo tipo de analfabetismo: o analfabetismo digital.

Para que estes cenários possam ser invertidos, a aposta política, social e económica das sociedades terá de passar pela educação e, mais concretamente, pela formação de crianças leitoras.

Estas crianças terão de aprender a ser leitores polivalentes, isto é, de acordo com Santos (2000, p. 83), leitores preparados para adotar diferentes posturas de leitura, tendo em conta as situações de leitura, os tipos de texto e os objetivos a atingir. Um leitor polivalente é um leitor familiarizado com diversas formas de escrita.

Recordamos as interrogações de Calçada (2007, p. XI) sobre a leitura e a formação do leitor, agora em ambientes digitais, no sentido em que a escola terá de entender se a interação com o hipertexto corresponderá, na verdade, ao desenvolvimento de práticas de leitura e de competências leitoras, potenciadoras da promoção do acesso à leitura de uma obra científica ou literária.

Em relação a esta problemática, Cerrillo (2005, p. 135) distingue dois tipos de leitores: os leitores tradicionais e os novos leitores. Os leitores tradicionais seriam leitores de livros, leitores literários, mas também se serviriam dos novos modelos de leitura, como a leitura *online*. Já os novos leitores seriam aqueles que apenas leriam *online* e que apresentariam dificuldades em distinguir mensagens ou mesmo em entendê-las.

Essa questão é também abordada por Silva (2003, p. 14), que coloca a ênfase não só na importância dos alunos dominarem o código escrito, mas também na diferença de atitudes e de comportamentos de leitura entre o texto virtual e o texto impresso.

Independentemente dessa discussão tão atual, um leitor polivalente terá de ser necessariamente um leitor literário, ou seja, um leitor de literatura, um leitor capaz de ler uma obra literária de forma competente, crítica, reflexiva, um leitor capaz de olhares plurais, múltiplas leituras e distintas interrogações sobre o texto literário.

De acordo com Cerrillo (2005, p. 149), o ensino-aprendizagem da literatura deve pretender que a criança aprenda a ler, mas também deve levar a criança a sentir prazer com os livros, a valorizá-los e a ter uma experiência pessoal de leitura. Esta experiência pessoal de leitura permitirá ao leitor ter um conhecimento cultural amplo, fazer uma análise do seu mundo interior, ter a capacidade para interpretar a realidade exterior.

O leitor literário é aquele que lê um texto literário, tendo o papel de co-construtor ativo de significados textuais (AZEVEDO, 2006, p. 22), sendo capaz de ativar as enciclopédias e os intertextos pessoais, alicerçados em leituras anteriores, que lhe permitirão captar a intencionalidade de um texto.

É esse convívio textual que possibilita e prepara o aluno para se relacionar com o mundo, de forma consciente e crítica, uma vez que a leitura literária vai munir-lo de um conjunto de saberes literários, sociais e culturais, que lhe permitirão reagir individualmente face a um texto literário.

Muitas são as condições que se reúnem, e pensamos que só a conjugação de todas estas condicionantes, quer de carácter social, quer de carácter individual, poderá concorrer para a formação do leitor e do leitor literário.

Assim, vários estudos (CASTRO; SOUSA, 1998; ESCARPIT, 1999; SANTOS, 2000; BALÇA, 2007b) indicam-nos que a formação do leitor é longa no tempo, uma vez que começa desde o nascimento da criança, continuando imediatamente na educação pré-escolar e a acompanha, ao longo de toda a sua escolaridade.

O entendimento de que é desde o berço que começa o investimento na formação do leitor parece já ter passado para a sociedade civil, em Portugal. O projeto promovido pela Associação de Profissionais de Educação de Infância (APEI) e pela Associação de Professores de Português (APP), desde 2005, intitulado *O meu brinquedo é um livro*,² é uma possível resposta a este entendimento. O objetivo deste projeto é distribuir um livro a todas as crianças nascidas em Portugal, e para isso os municípios podem adquirir, a baixo custo, à editora, um pacote que contém um livro, um brinquedo, com ele relacionado, e um guia para os pais, que oferecem a todos os bebés residentes no seu concelho.

Afigura-se-nos interessante perceber a evolução ao longo do tempo, na sociedade portuguesa, desse entendimento de que a formação do leitor é um processo contínuo. Já no ano 2000, no âmbito do Ano Nacional do Livro e da Leitura, se tinha distribuído nas maternidades, para integrarem os pacotes de prendas para os recém-nascidos, pequenos livros de plástico e de pano.

Ainda dentro dessa iniciativa do Ano Nacional do Livro e da Leitura, procedeu-se a distribuição pelas escolas do 1º ciclo do ensino básico, de todo o país, do livro *Ler, ouvir e contar*, do conhecido escritor de literatura infantil António Torrado.

Obviamente que temos a noção de que essas iniciativas são pontuais, mas não queremos deixar de referir a eventual descontinuidade na conceptualização destas, na medida em que os estabelecimentos de educação pré-escolar foram esquecidos na distribuição desse livro, o que poderia indiciar, à época, a pouca consciência, existente na sociedade em geral, da importância da educação pré-escolar na formação global da criança e, neste caso em particular, na formação de crianças leitoras.

Se quisermos recuar um pouco mais no tempo, conseguimos, apesar de tudo, perceber que há pouco mais de 10 anos o poder político e a sociedade em geral ainda não tinham compreendido que a formação do leitor exigia um investimento constante, desde as idades mais precoces. Em Portugal, no ano de 1996, é lançada a Rede de Bibliotecas Escolares que não previa o apoio aos estabelecimentos de educação pré-escolar. Na realidade, os jardins de infância da rede pública foram beneficiando da biblioteca escolar dos agrupamentos de escolas em que estavam inseridos, mas apenas se estivessem integrados no mesmo edifício ou a uma distância que permitisse a sua utilização.

Atualmente, o Plano Nacional de Leitura, lançado em 2006, já contempla os leitores desde a educação pré-escolar ao ensino superior, não abandonando a formação leitora e literária ao longo da vida. No entanto, para além de esquecer as crianças que frequentam a creche (0 a 3 anos), possivelmente porque, em Portugal, a Lei de Bases do Sistema Educativo não contempla esta valência, acaba por dar prioridade, nas suas iniciativas, até ao 2º ciclo do ensino básico, não contribuindo para o entendimento de que o leitor se forma ao longo de toda a escolaridade e, em última instância, ao longo da vida.

Relembramos apenas as palavras de Escarpit (1999, p. 73), quando afirma que a razão para a perda de leitores entre os jovens dever-se-ia à circunstância destes abandonarem as leituras infantis e nem sempre acederem de imediato às leituras adultas, conjugada com o fato de a escola, muitas vezes, apresentar apenas para leitura as obras obrigatórias, presentes nos programas escolares, esquecendo quase por completo a leitura recreativa e as leituras selvagens dos seus alunos.

² <http://omb.no.sapo.pt>

Apesar dessa constatação de Escarpit (1999), num pequeno estudo exploratório, que realizámos numa escola da cidade de Évora, sobre os hábitos de leitura dos estudantes do ensino secundário (BALÇA, 2007a/sn), notamos que alguns alunos mais velhos liam, sobretudo nas férias, livros que não eram do agrado do circuito escolar e do circuito letrado da sociedade.

Na verdade, o entendimento de que a formação do leitor se prolonga para e ao longo do ensino superior resultou em 2008, na criação oficial da Rede de Universidades Leitoras,³ que integra a Universidade de Évora e várias instituições de ensino superior portuguesas, brasileiras e espanholas, e cuja meta é expandir-se pelo mundo latino-americano.

No convênio assinado pode se ler que o objetivo básico da Rede é partilhar experiências e coordenar atuações, em relação à leitura e à escrita na universidade, de modo a melhorar as competências dos alunos nestes domínios. Neste documento, manifesta-se ainda que no ensino superior é indispensável, para a formação integral dos estudantes, o desenvolvimento de atividades de leitura e escrita, sendo a promoção das mesmas de responsabilidade das instituições de ensino superior.⁴

A formação do leitor entronca em grandes contextos que devem estar em contínuo diálogo: a família, a escola, a biblioteca da escola, a biblioteca pública, as livrarias e outros contextos sociais.

Esta interação permanente é consubstanciada com o olhar vigilante da família e com as práticas dos professores, bibliotecários, livreiros e outros atores sociais, mediadores atentos, que informam, mostram, aconselham, observam, abrem, folheiam, leem e partilham livros e leituras com as crianças.

Todos esses contextos se configuram como contextos coletivos de aprendizagem, na medida em que, em cada um deles, a criança aprende as diversas funções do livro e da leitura.

Na verdade, é no contexto familiar que tudo começa em relação à leitura, por isso a promoção da literacia familiar é algo em que a escola, a universidade, a sociedade devem investir. A partilha de leituras, o estabelecimento de uma relação afetiva com o livro são vetores a serem desenvolvidos em contexto familiar, uma vez que, de acordo com Cerrillo (2005, p. 137), a criação de hábitos de leitura estáveis estaria, em primeira instância, na família.

Os gestos da família centram-se em facilitar à criança o contato e o manipular do objeto livro, oferecendo-lhe e permitindo-lhe escolher os livros que gosta. Por outro lado, a família deve proporcionar à criança o convívio com os diversos contextos, onde os livros se encontram, levando-a, nomeadamente, às bibliotecas e às livrarias.

A importância da família na formação da criança leitora é indiscutível, visto que ela é a primeira mediadora de leitura, não estando muitas vezes à altura desta missão que lhe é compelida. Muito importante para a criança é que a família se configure como um modelo literácito, interagindo ambas, cotidianamente, em redor do impresso.

Por isso mesmo nos parece essencial a formação da família nessas áreas, para que possa desempenhar o seu papel com mais informação e conhecimento, resistindo assim aos ímpetus ferozes de um mercado editorial e livreiro, que muitas vezes divulga e promove apenas o estereótipo.

Por outro lado, é absolutamente necessário que a família entenda que, segundo Cerrillo (2006, p. 43), ler não é uma perda de tempo e que a leitura nunca deve ser um castigo, mas sim, pensamos nós, um ato completamente voluntário e desejado pela criança.

À escola pensamos que lhe cabe o papel de divulgar o livro e o livro de literatura infantil, e de promover a leitura do texto literário, possibilitando aos alunos estabelecer com a leitura e com o texto literário uma relação afetiva, uma relação de prazer, condição imprescindível para a formação do leitor e do leitor literário. Desse modo o professor, enquanto mediador de leitura, deve dar a conhecer os textos, deve ler para os alunos e deve partilhar leituras com eles.

Na verdade, como ler não é apenas descodificar, mas também compreender o texto, ser capaz

³ <http://www.universidadeslectoras.com>

⁴ http://www.universidadeslectoras.com/docs/Convenio_marco.pdf

de atribuir-lhe sentido, compete ao professor pensar em estratégias para ensinar e desenvolver a compreensão leitora nos seus alunos. A criança tem de ser ensinada a fazer perguntas ao texto, de encará-lo com perguntas pessoais, para que possa posteriormente encontrar as respostas no texto e progredir na leitura. O professor deve assim estimular o diálogo entre o texto e os seus leitores, fomentando a reflexão e a interrogação dos mesmos, promovendo as relações intertextuais e intersemióticas.

Pensamos que, de fato, é deveras importante ler muito na escola, mas é igualmente fundamental ler bem.

Decisivo para a formação do leitor pode ser também o papel do bibliotecário escolar, na interação com o professor titular da turma e com os alunos que frequentam a biblioteca. O bibliotecário escolar terá também de ser um modelo leitor, no sentido em que conhece e partilha os livros com as crianças, promove um ambiente propício à leitura e envolve toda a comunidade escolar nas atividades em redor do livro e da leitura.

Por isso mesmo seria essencial que este mediador de leitura possuísse uma sólida formação nas áreas da leitura, da literatura e da literatura infantil e juvenil, bem como da formação de leitores.

De fato, de acordo com Cerrillo (2006, p. 44), o segundo mediador de leitura, professores ou bibliotecários, tem entre mãos uma tarefa complexa, na medida em que trabalha com leituras de diversos tipos, com as quais pretende alcançar distintos objetivos, como instrução, diversão, imaginação ou mesmo informação. Desta tarefa complexa faz parte igualmente a selecção dos livros adequados a cada objetivo de leitura e ao público leitor.

Cabe ainda em boa parte ao bibliotecário escolar e ao bibliotecário a promoção nas crianças de competências de literacia da informação, ou seja, lerem e terem a capacidade de localizar, avaliar e usar a informação disponível, de modo adequado aos objetivos previamente delineados.

Os outros contextos sociais podem configurar-se, igualmente, como contextos educativos, potenciadores da formação de comunidades de prática de leitura, onde os livros marcam presença e fazem a diferença.

Não esquecemos, no entanto, que a promoção do livro e da leitura, noutros contextos sociais, está longe de ser uma realidade em Portugal, porque muito embora haja, ao nível das representações, o reconhecimento, por parte da sociedade, da importância do livro e da leitura, as práticas estão muitíssimo aquém do que seria o ideal.

Poucas são ainda as livrarias que permitem às crianças mexer livremente nos livros para que os possam escolher, como qualquer adulto, ou que tenham um livreiro conhecedor e verdadeiramente informado sobre as publicações para crianças, capaz de as acolher, informar e partilhar leituras com elas.

Do mesmo modo, escassas são as livrarias que desenvolvam um programa de atividades sistemático, centrado na promoção do livro e da leitura infantil e juvenil, no qual incluam sessões de lançamento de livros com os autores e os ilustradores, sessões de contos ou de poesia para os mais jovens, pequenos espetáculos de teatro infantil, ateliers artísticos em redor do livro, entre outras.

Já existem algumas livrarias infantis em Portugal cuja missão na formação de crianças leitores é preciosa, mas que sobrevivem economicamente com dificuldades, acabando, não raras vezes, por encerrar.

Contextos como cafés, restaurantes, clínicas médicas, salas de espera das mais variadas instituições, já abriram as suas portas a espaços infantis, com muitos brinquedos, mas ainda com poucos livros. Vale salientar aqui o papel desenvolvido pelo Plano Nacional de Leitura, com o projeto Ler+ dá saúde, cujo objetivo é “envolver os Profissionais dos Centros de Saúde e dos Hospitais no aconselhamento da Leitura em Família.”⁵

A formação do leitor e do leitor literário é promovida com livros de literatura infantil e juvenil, que conjuguem a estética literária e a estética plástica, alargando o universo literário e o universo visual

⁵ <http://planonacionaldeleitura.gov.pt>

da criança, e fomentando não só o seu desenvolvimento cognitivo, mas também o desenvolvimento do seu espírito crítico face a um mundo globalizado, onde tudo tende a ser idêntico.

A leitura do texto literário promove, desde cedo, não só a aprendizagem das regras e convenções da língua escrita, mas também a construção, por parte da criança, do seu projeto pessoal de leitor, ou seja, a criança tem a possibilidade de descobrir e de perceber por que quer aprender a ler. Para que a criança possa construir o seu projeto pessoal de leitor, para que a criança possa desejar ser ela própria leitora, tem de ouvir, ler textos que lhe interessem e com os quais sinta prazer.

O texto literário possibilita também à criança a aprendizagem de modelos narrativos e poéticos literários, bem como o progressivo domínio de códigos linguísticos, culturais e axiológicos, capitais para um entendimento do mundo, onde identidade e alteridade dialogam.

A dimensão estético-literária, que os textos literários encerram, potencia o atualizar de referências intertextuais e intericónicas, indispensáveis para o desenvolvimento na criança da sua competência literária e da sua competência icónica.

Não queremos deixar de referir que para que a criança leia ela de estabelecer um elo, uma ligação individual com a leitura, terá de querer ler. É este fator volitivo que está na génese da construção do projeto pessoal de leitor da criança e que a acompanhará ao longo do seu percurso de formação como leitora, desenvolvendo progressivamente um comportamento leitor, mas “para isso terá de fazer da leitura um projecto de vida”. (SARDINHA, 2007, p. 6).

Num segundo momento do nosso texto, pretendemos apresentar um projeto educativo municipal de promoção da literacia e do livro, denominado *A Fada Palavrinha e o Gigante das Bibliotecas*, promovido e coordenado pelo Município de Évora.⁶

De um modo geral, pensamos que esse projeto educativo municipal de promoção da literacia e do livro pretende responder a este entendimento de que a formação do leitor é um longo desafio, no qual toda a comunidade tem de estar consciente e envolvida.

Por outro lado, estando o município de Évora integrado na Rede de Cidades Educadoras, através desse projeto procura igualmente dar resposta aos compromissos assumidos no âmbito desta associação. De fato, no Preâmbulo à *Carta das Cidades Educadoras*, na sua última redação (2004), diz-se claramente que a cidade deve exercer e desenvolver a sua função educadora, em paralelo com as suas funções tradicionais, com vista à formação, promoção e desenvolvimento de todos os seus habitantes.

As cidades educadoras têm como objetivo aprender, partilhar e enriquecer a vida dos cidadãos, uma vez que elas se configuram como um sistema complexo e também como um agente educativo permanente, plural e poliédrico.⁷

As preocupações subjacentes ao lançamento deste projecto prenderam-se não só com a elevada taxa de analfabetismo registada na região alentejana, mas também com os maus resultados obtidos pelos estudantes portugueses nos sucessivos estudos nacionais e internacionais, como o PISA 2001 e o PISA 2003 (*Programme for International Student Assessment*, promovido pela OCDE).

O objetivo desse projeto educativo é, fundamentalmente, contribuir para a formação de leitores polivalentes e leitores literários, e foi inicialmente pensado para ter uma duração mínima de 3 anos, tendo início no ano letivo 2005/2006.

Nesse projeto procura-se que os livros cheguem até às crianças, gratuitamente, das mais variadas formas, para que os diversos mediadores os coloquem ao seu alcance. De um modo geral, tenta-se que as crianças contactem com textos de literatura infantil, tendo à sua disposição, igualmente, textos informativos e textos recreativos.

Por parte dos diversos mediadores de leitura, houve a tentativa e o cuidado de levar até às crianças textos de qualidade literária e plástica, que estivessem de acordo com o seu nível de desenvolvimento cognitivo, com a sua faixa etária e até com os seus interesses literários.

⁶ <http://www.cm-evora.pt>

⁷ http://www.bcn.es/edcities/esp/carta/carta_ciudades.pdf

O projeto foi gerido durante 3 anos, tendo em conta linhas de ação estratégicas para cada ano letivo. Desse modo, o primeiro ano do projeto centrou-se no desenvolvimento da atividade artística em torno de um texto, onde se pretendia estimular o contato das crianças com os livros, através da exploração artística do seu conteúdo. Nos outros dois anos letivos, a linha de ação conjugou a leitura com a escrita criativa.

A autarquia implementou à volta do projeto um *Processo Acumulativo de Competências Básicas em Literacia e Leitura*, que consistia num plano de formação, para professores e alunos, que se centrava em três polos de ação distintos - a Ludoteca, a Biblioteca Pública de Évora⁸ e a Loja dos Sonhos (recurso sócioeducativo itinerante do Município, constituído por um autocarro, que no seu interior alberga um espaço de leitura e um espaço informático⁹ – com o qual se pretendia promover competências nas áreas da literacia em leitura, da literacia da informação e da literacia informática).

O projeto tem ainda um *site World Wide Web*,¹⁰ que pretende ser não só um espaço de divulgação, mas também um espaço de trabalho e um recurso eficaz à disposição de professores, pais e alunos.

Desse modo, passamos agora a descrever como se articula o projeto educativo *A Fada Palavrinha e o Gigante das Bibliotecas*, tendo como ponto de apoio o Relatório do mesmo, elaborado pelo Município de Évora, e também outros textos nossos, onde já demos conta desta iniciativa (BALÇA, 2007b/2008).

1 – Destinatários do projeto

Como a formação de leitores se faz ao longo de toda a escolaridade do indivíduo, este projeto destina-se a crianças e a jovens que frequentam desde a educação pré-escolar até ao ensino secundário.¹¹ No entanto, apenas os jardins de infância e as escolas do 1º ciclo do ensino básico aderiram em massa ao projeto. Quanto às escolas do 2º, 3º ciclos do ensino básico e do ensino secundário, a resposta ao projeto foi praticamente nula.

Parece-nos que este desinteresse pelo projecto se deve a dois fatores de carácter diverso. O primeiro é de ordem político-administrativa. Em Portugal, os municípios tutelam os jardins de infância e as escolas do 1º ciclo do ensino básico estatais ao nível das instalações, dos equipamentos, e da ação social escolar. Dessa maneira, estes estabelecimentos de ensino aderem naturalmente aos projetos educativos que a autarquia lança para o terreno, afigurando-se-nos como mais difícil uma forte adesão das escolas dos outros níveis de ensino, uma vez que as relações com as autarquias não são tão estreitas.

Por outro lado, a indiferença das escolas do 2º, 3º ciclos do ensino básico e do ensino secundário ao projeto, prende-se igualmente, quanto a nós, com um factor de ordem educativa e cultural, uma vez que pensamos que ainda não é linear, para a comunidade educativa, o entendimento de que a formação de leitores é um desígnio permanente, diário, que ocorre ao longo de toda a escolaridade da criança.

2 – Instituições envolvidas

Como para a formação de leitores contribuem diversos contextos, que devem estar em contínuo diálogo, este projeto envolve as famílias, os jardins de infância, as escolas e as bibliotecas

⁸ <http://www.evora.net/bpe>

⁹ <http://www2.cm-evora.pt/lojadossinhos>

¹⁰ www.cm-evora.pt/FadaPalavrinha

¹¹ O sistema educativo português compreende, entre outras, a educação pré-escolar (dos 3 aos 5 anos) e a educação escolar, dividida em ensino básico, ensino secundário e ensino superior. O ensino básico compreende o 1º ciclo (1º, 2º, 3º e 4º ano de escolaridade, que abrange as crianças sensivelmente entre os 6 e os 10 anos), o 2º ciclo (5º e 6º ano de escolaridade, que abrange as crianças sensivelmente entre os 11 e os 12 anos) e o 3º ciclo (7º, 8º e 9º ano de escolaridade, que abrange as crianças sensivelmente entre os 13 e os 15 anos), sendo assim a escolaridade obrigatória de 9 anos.

escolares. Num segundo momento, o projeto alargou-se às instituições de carácter social, nomeadamente a centros que acolhem crianças institucionalizadas.

Para além disso, esse projeto educativo, coordenado pela Câmara Municipal de Évora, tem como parceiros a Universidade de Évora,¹² a Biblioteca Pública de Évora, algumas livrarias e associações socioculturais da cidade. Num segundo momento, com a assinatura do protocolo entre a Câmara Municipal e o Plano Nacional de Leitura,¹³ este último constituiu-se como mais um parceiro do projeto educativo.

3 – Iniciativas

Para o sucesso desse projeto contribuíram certamente os gestos, as práticas, quer em contexto de sala de aula, quer noutros contextos, que se assumiram, no fundo, como contextos educativos e como contextos de práticas de leitura.

3.1 – A família

Sendo a família o primeiro mediador e o mediador por excelência entre a criança e o livro, ela foi automaticamente envolvida nesse projeto. O seu papel, de acordo com o projeto, é, sobretudo, o de ler para e com a criança, partilhar leituras com a criança.

Nesse sentido, instituíram-se os *Contratos de Ler, Ouvir e Divertir*. De acordo com estes contratos, a família empenha-se a ler em casa com as crianças e, para isso, leva da escola os denominados *sacos de leitura*, sacos com livros, que pode ter na sua posse durante 15 dias.

Os livros destes *sacos de leitura* são emprestados pela Biblioteca Pública de Évora e podem ser trabalhados na sala de aula da criança.

Por outro lado, algumas livrarias da cidade de Évora aderiram ao projeto, através do *Cartão da família leitora*, criado pelo município. Com este cartão, as famílias, que assinaram os *Contratos de Ler, Ouvir e Divertir*, obtêm descontos na compra de livros infanto-juvenis nestes estabelecimentos.

Esse projeto procurou ainda não descurar a formação da família, sabendo nós que nem todas têm a formação necessária para poderem ser mediadores de leitura competentes. Nesse sentido, sob a iniciativa do Município, realizaram-se ações de formação para as famílias, no âmbito da promoção da literacia, do livro e da literatura para a infância e a juventude.

3.2 – A escola

O papel dos educadores de infância, dos professores e dos bibliotecários escolares centra-se fundamentalmente na implementação da leitura recreativa, no espaço escolar. Desse modo, pretende-se fomentar o contato com o livro, a manipulação e a exploração do livro pela criança.

Práticas como o ouvir o ler textos literários, o partilhar leituras em contexto pedagógico, são incentivadas bem como a exploração dos textos através das expressões artísticas.

Por outro lado, a iniciativa *Conto(s) Contigo* levou às escolas alguns escritores e ilustradores de literatura infantil, com o objectivo de promover a comunicação e a interação entre escritor/ilustrador e aluno, contribuindo certamente para despertar e motivar as crianças para a descoberta do livro e da leitura. Assim, as escolas do concelho de Évora receberam a visita de nomes como António Mota, José Fanha, Margarida Fonseca Santos, Miguel Horta, Luísa Ducla Soares e Pedro Leitão, entre outros.

Às escolas muitos livros foram emprestados pela Biblioteca Pública de Évora, através dos *baús de leitura*. Estes *baús de leitura* contêm 30 livros destinados à leitura recreativa na sala de aula e podem permanecer no estabelecimento de ensino durante 30 dias.

¹² <http://www.uevora.pt>

¹³ <http://www.planonacionaldeleitura.gov.pt/>

Por outro lado, a Câmara Municipal de Évora tem adquirido livros de literatura infantil para os estabelecimentos de ensino e constituiu uma *Biblioteca Virtual*, à disposição da comunidade escolar.

Só sensivelmente a meio do projeto, começaram a chegar às bibliotecas escolares os livros oferecidos pelo Plano Nacional de Leitura, uma vez que o protocolo entre o Município e o Plano foi assinado já em finais do ano de 2006.

A Autarquia inaugurou, ainda, novas bibliotecas escolares e, nas escolas onde não é possível a criação de uma biblioteca, nomeadamente devido a constrangimentos ao nível das instalações, implementou espaços de leitura, que se constituem como outros contextos de leitura, de livre acesso ao livro.

A assessoria científica ao projeto, bem como a formação contínua de educadores de infância e de professores de todos os ciclos de ensino, no âmbito da literacia e da literatura para a infância e a juventude, é assegurada pela Universidade de Évora.

3.3 – Instituições de carácter social

No segundo ano, o projeto alargou-se a outros contextos sociais, nomeadamente a centros que acolhem crianças institucionalizadas. Desse modo, pretendia-se estender o projeto educativo a diversos espaços da comunidade, diferentes dos contextos educativos canónicos, mas, certamente, também configurados em comunidades de práticas de leitura. Assim, foram envolvidos no projeto a Associação Chão dos Meninos e o Lar de Santa Helena.

Nestas instituições de carácter social, com o intuito de captar a atenção das crianças e dos técnicos para a leitura e para a literatura infantil, realizaram-se *sessões de animação da leitura*.

A associação sociocultural da cidade Trimagisto levou a cabo a atividade *Recontetapies – Tapetes que contam histórias*,¹⁴ que consiste na dinamização de sessões de contos com os *contApetes*, tapetes construídos a partir das histórias. Um *contApete* é constituído por um livro e por um tapete confeccionado exclusivamente em tecido. Este tapete é concebido tendo como pano de fundo o livro a que corresponde, sendo-lhe fiel ao nível da narrativa verbal e pictórica. Vale notar que esta Associação levou esta iniciativa aos jardins de infância e às escolas de forma igualitária.

Na Associação Chão dos Meninos foi implementada a iniciativa *Tutores de leitura*, na qual uma criança mais velha, e já com uma competência leitora mais alargada, acompanha e auxilia na leitura uma criança mais nova.

3.4 – Leituras de berço

No ano letivo de 2007/2008, a Câmara Municipal de Évora alargou o seu projeto educativo *A Fada Palavrinha e o Gigante das Bibliotecas* às crianças entre os 0 e 3 anos, através de uma ação que denominou *Leituras de berço*.

Com o apoio do projeto *O meu brinquedo é um livro*, e, até agora, muito colada ao mesmo, esta ação contou ainda com o suporte da Segurança Social e envolveu as creches e as amas sociais.

4 – Luísa Ducla Soares e Maria João Raimundo. *A Fada Palavrinha e o Gigante das Bibliotecas*.

No mês de junho de 2008, a Autarquia lançou um livro, da autoria de Luísa Ducla Soares, com ilustrações de Maria João Raimundo, intitulado justamente *A Fada Palavrinha e o Gigante das Bibliotecas*, numa edição conjunta com a editora Livros Horizonte.

Esse livro para crianças marca o fim desse triénio do projeto educativo, dando-lhe simultaneamente visibilidade, não só ao nível local, mas, sobretudo, a nível nacional. O livro foi distribuído gratuitamente a todos os estabelecimentos de ensino da cidade.

¹⁴ <http://www.trimagisto.com>

5 – 2008/2010 – O final do projeto

Ao longo destes dois anos, fruto da conjuntura política e econômica, o projeto foi agonizando. Ainda assim, gostaria de destacar duas iniciativas apresentadas pelo projeto durante este espaço de tempo.

A primeira intitulou-se “Pessoa aos nossos olhos” e, como já demos conta dela (BALÇA; ABRANTES, 2009), configurou-se como um concurso, no qual se pretendia que os alunos e os professores se acercassem da vida e da obra de Fernando Pessoa. Este concurso estava integrado num conjunto mais vasto de iniciativas, cujo objetivo principal era assinalar os 120 anos do nascimento do poeta. Este conjunto de iniciativas em redor do aniversário de Fernando Pessoa foi deveras importante, na medida em que a adesão das escolas do 2º e 3º ciclo do ensino básico e do ensino secundário ao projeto foi quase sempre nula. Dessa vez, e possivelmente porque este conjunto de iniciativas foi concebido exatamente a pensar nos alunos deste nível de escolaridade, conseguiu-se a participação da grande maioria das escolas do concelho, que leccionavam este nível de ensino.

A outra iniciativa foi a concepção de um CD-ROM, intitulado *Olhar com os sentidos*, a editar pelo município em setembro de 2010, destinado aos educadores de infância e aos professores do 1º ciclo do ensino básico e às crianças, onde se pretende contribuir para a formação destes profissionais, no âmbito da compreensão da ilustração de livros de literatura infantil. Com este CD-ROM pretende-se, ainda, que os docentes auxiliem as crianças a formar o seu olhar em termos estéticos, tendo como ponto de partida não só as ilustrações de livros de literatura infantil, mas também as relações de interação semiótica mantidas entre ilustração e pintura.

6 - Avaliação do projeto

Sob a responsabilidade da Câmara Municipal, procedeu-se a uma avaliação de carácter quantitativo do projeto educativo, no final de cada ano letivo. Os dados, que em seguida apresentamos, dizem, no entanto, respeito apenas ao triénio 2005/2008.

De acordo com o Relatório do projeto, no primeiro ano letivo, aderiram ao mesmo 36 estabelecimentos de ensino, dos 73 existentes no concelho de Évora, num total de 2.000 alunos e 95 docentes; no segundo ano letivo aderiram 41 instituições, num total de 2.579 crianças e 123 docentes e técnicos.

Os *Contratos de Ler, Ouvir e Divertir* envolveram 800 famílias, com um total de 1.600 livros em circulação, através dos *sacos de leitura*; no segundo ano, assinaram-se mais 400 novos contratos de leitura.

Em circulação andaram também 10 *baús de leitura*, com um total de 300 livros.

Muito se poderia ter feito em relação à avaliação deste projeto e do seu impacto na comunidade educativa e na comunidade eborense em geral. Infelizmente, por constrangimentos de vária ordem, essa avaliação não poderá ser feita, porque o projeto nunca se constituiu como um objeto de estudo de carácter científico.

As relações complicadas entre o Município e a Universidade de Évora, as desconfianças dos professores de outros níveis de ensino em relação aos seus colegas do ensino superior, certamente contribuíram para que a instituição universitária tivesse dado o seu contributo apenas ao nível da formação.

No entanto, parece-nos que algumas portas foram abertas, neste convívio nem sempre fácil, para que futuros projetos educativos se possam configurar como objetos de estudo.

No final deste quinquénio, não sabemos se o projeto se prolongará para o próximo ano letivo. Como todos os projetos, que inevitavelmente obedecem a deliberações políticas e sofrem de constrangimentos de carácter económico e humano, muitos aspectos poderão ser revistos e melhorados.

No entanto, e reportando-nos apenas às evidências do comum cidadão de Évora, podemos afirmar que este projeto deu o seu contributo para uma maior visibilidade do livro e da leitura,

para o despertar de consciências em relação a estes temas, e para uma melhor formação dos diversos profissionais. Oxalá quem nos governa entenda que se esta chama não for continuamente alimentada, em breve estará extinta.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Fernando. Literatura infantil: recepção leitora e competência literária. In: _____. (Org.). *Língua Materna e Literatura Infantil*. Elementos nucleares para Professores do Ensino Básico. Lisboa: Lidel, 2006. p. 11-32.
- BALÇA, Ângela. Leitura e leituras – um estudo com alunos do ensino secundário. La lengua escrita. *Actas del IX Simposio Internacional de la Sociedad Española de Didáctica de la Lengua y la Literatura (SEDLL)*. Universidad de La Rioja: versão digital, 2007a.
- BALÇA, Ângela. Formar leitores literários: contributos para uma perspectiva global. *Lectura y Universidad*, Universidad de Extremadura Ediciones, 2007b, p. 188-193.
- BALÇA, Ângela. A Fada Palavrinha e o Gigante das Bibliotecas – un proyecto municipal para la promoción de la literacia. *Segundas Jornadas Iberoamericanas sobre Lectura y Escritura*. Materiales y Documentos. Asociación Española de Lectura y Escritura – AELE: versão digital, 2008.
- BALÇA, A. & ABRANTES, A. Pessoa aos nossos olhos - A formação do leitor literário no 2º e 3º ciclo do ensino básico em Portugal. *Anais do 4º Seminário de Literatura Infantil e Juvenil de Santa Catarina*. Palhoça: Editora UNISUL, 2009. p. 511-516.
- CALÇADA, Teresa. Prefácio. *Formar Leitores*. Das teorias às práticas. Lisboa: Lidel, 2007. p. 11.
- CÂMARA Municipal de Évora. *Relatório do Projecto Educativo A Fada Palavrinha e o Gigante das Bibliotecas – 2006/2007*.
- CERRILLO, Pedro C. Los nuevos lectores: la formación del lector literário. *Literatura infantil y educación literaria*. Cuenca: Universidad de Castilla-LaMancha, 2005. p. 133-152.
- CERRILLO, Pedro C. *Literatura infantil e mediação leitora*. Língua Materna e Literatura Infantil. Elementos nucleares para Professores do Ensino Básico. Lisboa: Lidel, 2006. p. 33-46.
- CASTRO, Rui Vieira; SOUSA, Maria Lourdes Dionísio. *Hábitos e atitudes de leitura dos estudantes portugueses*. Entre linhas paralelas. Estudos sobre o português nas escolas. Braga: Angelus Novus, 1998. p. 129-147.
- ESCARPIT, Denise D. *Adolescência: leitura(s) em liberdade?* Do Dragão ao Pai Natal. Olhares sobre a Literatura para a Infância. Comunicações dos Encontros Luso-Galaico-Francófonos do Livro Infantil. Porto: Campo das Letras, 1999. p.71-87.
- SANTOS, Elvira Moreira. *Hábitos de leitura em crianças e adolescentes*. Um estudo em escolas secundárias. Coimbra: Quarteto, 2000.
- SARDINHA, Mª Graça. *Formas de ler: ontem e hoje*. Formar Leitores. Das teorias às práticas. Lisboa: Lidel, 2007. p. 1-7.
- SILVA, Ezequiel Theodoro. Leitura no mundo virtual: alguns problemas. In: _____. (Org.). *A leitura nos oceanos da internet*. São Paulo: Cortez, 2002. p.13-16.

Sítios World Wide Web

<http://planonacionaldeleitura.gov.pt>

(Acesso em 10/09/2010)

http://www.bcn.es/edcities/esp/carta/carta_ciudades.pdf

(Acesso em 06/09/2010)

http://www.universidadeslectoras.com/docs/Convenio_marco.pdf

(Acesso em 06/09/2010)

<http://omb.no.sapo.pt>

(Acesso em 06/09/2010)

<http://www2.cm-evora.pt/lojadossinhos>

(Acesso em 09/09/2010)

<http://www.trimagisto.com>

(Acesso em 09/09/2010)

Recebido em: 15 de outubro de 2010.
Aprovado em: 01 de novembro de 2010.